



ESTRATÉGIAS DA METAFICÇÃO: AS CAMADAS HISTÓRICAS E AS FIGURAÇÕES HUMANAS EM *MACHADO* (2016), DE SILVIANO SANTIAGO

Elane Santiago Ribeiro ¹
Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes ²

RESUMO

O presente artigo analisa como o romance *Machado*, de Silvano Santiago, articula elementos metaficcionais ao reconstruir os últimos anos de vida de Machado de Assis. O objetivo principal é investigar de que modo o contexto histórico-social do Rio de Janeiro do início do século XX, marcado por intensas transformações urbanas e sociais, é incorporado à narrativa, não apenas como pano de fundo, mas como agente ativo no desenvolvimento das personagens e dos acontecimentos. A metodologia empregada baseia-se em análise literária e pesquisa bibliográfica, dialogando com conceitos de metaficção e figurações humanas, especialmente a partir de Iser (1996). Os resultados evidenciam que Santiago utiliza as camadas históricas para criar uma narrativa autorreflexiva, em que personalidades históricas e eventos reais são reconfigurados como figurações humanas, promovendo uma reflexão crítica sobre a segregação social e as consequências das reformas urbanas para a população negra e pobre. Conclui-se que, ao fundir ficção e história, o romance de Santiago não apenas homenageia Machado de Assis, mas também propõe uma leitura crítica da modernização carioca, revelando as exclusões sociais e a complexidade das relações entre memória, identidade e literatura.

Palavras-chave: Metaficção. Ficção e história. Figurações humanas. Machado de Assis. Silvano Santiago.

INTRODUÇÃO

No limiar entre a memória e a ficção, a literatura pode ser um espaço onde o passado se reinventa e ganha novas dimensões. É nessa dimensão fluída que Silvano Santiago mergulha para resgatar não apenas a figura histórica de Machado de Assis, mas também as tensões sociais que marcaram a cidade do Rio de Janeiro do início do século XX, cujas mudanças perpassam o escritor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) em seus últimos anos de vida.

O romance *Machado* (2016), de Silvano Santiago, articula uma fusão entre ficção, história e crítica social ao reconstruir literariamente os últimos anos de vida de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, elanesantiagorib@gmail.com;

² Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, mariasuely@cchl.uespi.br.

Machado de Assis. É mais do que um exercício biográfico, é um retrato do contexto histórico-social do Rio de Janeiro do início do século XX, período marcado por intensas mudanças urbanas e sociais, como agente ativo na construção das personagens e dos eventos sociais. Santiago ultrapassa a representação tradicional da ambientação histórica e atribuiu à cidade e às mudanças que ela passava uma função motriz na trama e nos conflitos do protagonista.

O crescimento demográfico da capital fluminense no século XIX, impulsionado pela cultura cafeeira e seguido pela promulgação da Lei Áurea (Lei 3353/88), alterou radicalmente a paisagem social e urbana do Rio de Janeiro. Em meio às reformas urbanísticas e ao movimento “Bota-Abaixo”, a população negra e pobre foi forçada a se deslocar para zonas periféricas ou para os morros da cidade, tornando-se ainda mais marginalizada.

Ao construir a narrativa de *Machado* (2016), Santiago insere estas camadas históricas como forças que dialogam com a subjetividade das figuras históricas retratadas. A abordagem metaficcional convida o leitor a questionar não só as limitações da história documentada, mas também as fronteiras entre fato e imaginação, realidade e ficção. Silvano Santiago humanizou Machado de Assis, explorou suas inquietações, vivências e sobrevivências diante da velhice, conforme o próprio autor contou em uma entrevista à revista Pesquisa Fapesp (2020), e comparou o panorama de uma cidade em transição com as relações pessoais, fragilidades e cotidiano de Machado.

Dessa forma, este artigo propõe uma análise fundamentada nos conceitos de metaficção e figurações humanas para investigar como o romance *Machado* (2016) conecta passado e presente, realidade e ficção. Por meio da utilização criativa das fontes históricas e da verossimilhança como princípios estruturantes, Silvano Santiago constrói não só uma homenagem ao escritor Machado de Assis, como também lança um olhar crítico sobre os processos de modernização carioca, destacando, de forma autorreflexiva, as exclusões sociais e a complexidade entre história, literatura e identidade.

O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

O Rio de Janeiro do recorte histórico de *Machado* (2016), isto é, de 1905 a 1908, passou por profundas transformações políticas estruturais e sociais no início do século

XX. A urbanização acelerada visava renovar a imagem da cidade como capital moderna e civilizada do Brasil, sob a liderança do presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves e do prefeito Francisco Franco Pereira Passos, que promoveram uma reforma urbana entre 1903 e 1906 (Teixeira, 2021). O contexto histórico dessa invenção foi marcado por fatores que influenciaram diretamente a concepção e execução do projeto de transformação urbana (Ferreira, 2019).

Entre os fatores que moldaram essa transformação urbana, estão a vinda da corte portuguesa em 1808, as sucessivas mudanças de regime político (da colônia ao império e depois à república) e a transição da mudança da mão de obra escravizada para o trabalho assalariado, em um contexto de consolidação do capitalismo como sistema econômico predominante. Ou seja, a ideia de reformar a cidade do Rio de Janeiro não surgiu de forma abrupta, mas resultou de um processo gradual ao longo do século XIX, conforme aponta Ferreira (2019). Os debates sociais e ideológicos foram fundamentais para consolidar o ideal progressista que se concretizou nas reformas urbanas do início do século XX.

Um sentimento que motivava o clima das reformas era o de superar o passado colonial do Brasil, inspirando-se nas novas tendências de produção culturais europeias (Rodrigues; Mello, 2015, p. 22). Entre as intervenções, implantaram-se obras públicas, prédios, ruas e avenidas no estilo *Belle Époque*, com o objetivo de conferir “à capital um ar cada vez mais cosmopolita” (Rodrigues; Mello, 2015, p. 22). Assim, a transformação da cidade republicana simbolizava o progresso e o futuro, embora esse processo também representasse uma elitização da capital, impulsionada pelo pensamento progressista do governo, dos engenheiros, intelectuais e da elite carioca.

De acordo com Silva (2018), o crescimento demográfico do Rio de Janeiro no século XIX foi impulsionado pela cultura cafeeira. Com a promulgação da Lei Áurea (Lei 3353/88), ocorreu a libertação dos escravizados no Brasil, mas surgiram novos desafios, pois o Império não indenizou os proprietários nem promoveu a integração dos ex-cativos à sociedade.

Assim, a cidade passou a abrigar muitos negros recém-libertos, deixados à própria sorte e marginalizados pelo racismo. Além deles, trabalhadores imigrantes e vendedores ambulantes viviam amontoados em habitações precárias, configurando o contexto social presente na obra *Machado* (2016), de Silviano Santiago.

AS CAMADAS HISTÓRICAS EM *MACHADO* (2016)

No final da vida de Machado de Assis, a cidade do Rio de Janeiro passava por profundas transformações que impactaram seus habitantes de diferentes formas. Recluso por causa de sua saúde debilitada e pela viuvez, o leitor observa essas mudanças principalmente por meio de personagens secundários. O narrador de *Machado* (2016) integra essas transformações à narrativa, mostrando como a nova paisagem da capital da jovem república favoreceu certos grupos em detrimento de outros, situando a história nesse contexto social e urbano.

O narrador descreve as ações dos governos como a favor dos privilegiados (Santiago, 2016, p. 74), que se fartam com nomeações, indenizações, concessões, garantias, favores e proteção (Santiago, 2016, p. 74). A elite carioca, foi a maior beneficiária de toda a onda de transformações ocorridas no Rio no início do século XX. A narrativa discorre sobre como os belos “cartões-postais” da cidade relem o ritmo das demolições e o crescimento da especulação imobiliária (Santiago, 2016, p. 75). Isto é, com as obras de renovação urbanísticas, cresceu também o valor dos imóveis da região, tornando-os mais caros.

Graças ao aumento considerável nos aluguel e das ordens de despejo, os moradores mais desfavorecidos financeiramente se viram obrigados a deixar suas casas e encontrar outro lugar para morar. Simultaneamente, o movimento conhecido como “bota-abaixo” contribuiu para a expulsão dessas pessoas e suas famílias de seus lares, obrigando-as a se refugiarem nas periferias e morros (Silva, 2018, p. 6; Guerón, 2008, p. 143).

Os pobres inquilinos, formados principalmente por negros, mas também por pessoas que, assim como os ex-escravizados, eram economicamente vulneráveis, são desalojados e “mudam para o subúrbio, ou então constroem suas casinhas na encosta do morro da Providência” (Santiago, 2016, p. 82). Essas casas tinham uma péssima estrutura, feitas a partir de lixo das demolições do bota-abaixo, com pouca ventilação, portas estreitas, telhado de zinco ou folhas de latas.

Segundo Gizlene Neder (1997), as reformas urbanísticas que construíram um Rio de Janeiro moderno e mais “europeu”, foram também acompanhados de projetos que visavam o controle social, redefinindo a ação da polícia, moldando também a conduta e a sociabilidade do espaço urbano carioca, que definiu o lugar de cada

agrupamento étnico-cultural e/ou social (Neder, 1997, p. 112). Isto é, o centro e os bairros onde moravam os ricos, intelectuais, políticos, diplomatas, doutores, etc., formavam o lugar da elite carioca, cuja população negra, pobre e marginalizada não devia se misturar, sobrando-lhe as periferias e morros (Neder, 1997, p. 112)

Observa-se nessa conjuntura uma cidade com dois núcleos: a elite carioca beneficiada pela reforma urbanística e a população humilde prejudicada. Sem alternativas e marginalizadas pelas autoridades públicas, os despejados migraram para as periferias ou subiram os morros, que se constituíam como áreas de refúgio para os desalojados (Neder, 1997, p. 113). Sem direito à indenização ou realojamento, esses moradores construíram habitações precárias e viviam em condições ainda mais insalubres. Portanto, essa mudança teve efeito segregacionista.

É sob esse contexto social que se desenrola a ficção de Silviano Santiago, na qual as transformações do Rio de Janeiro são percebidas por Machado de Assis como uma mudança tão profunda que ele mal reconhece a cidade onde nasceu e cresceu (Santiago, 2016, p. 77). Ele expressa um sentimento de desencaxe e deslocamento da cidade em progresso em comparação à antiga colônia e depois ao império em que viveu.

Machado vê a antiga cidade em que cresceu desaparecer lentamente diante de seus olhos, e do mesmo modo, ele próprio também desaparece lentamente. Nesse caso, o termo “desaparecer” assume sentido de transformação para a cidade velha, da qual vai sumindo sua antiga paisagem para dar lugar a uma nova. No entanto, para Machado, o desaparecimento possui sentido de morte. Ele lentamente está morrendo, e o narrador cria a associação da morte do escritor ao fracasso da velha cidade imperial e colonial.

AS FIGURAÇÕES HUMANAS COMO DESDOBRAMENTO DA METAFICÇÃO AUTORREFLEXIVA

O conceito de figurações humanas, elaborado por Wolfgang Iser, refere-se à construção das imagens das personagens literárias a partir da interação dinâmica entre texto e leitor. Segundo Iser (1999), a literatura funciona como um espaço onde o leitor participa ativamente da criação e da percepção dessas figurações, preenchendo lacunas e dando forma às representações humanas propostas pelo texto. Isso porque, para Iser, a literatura aborda aspectos da condição humana, e, para compreender isso, é necessário delinear uma heurística composta por duas condições prévias (Iser, 1999, p. 66).

A primeira diz respeito à nossa necessidade de mapear as coisas, mas a segunda fala sobre a condição essencial de que o constructo esteja ligado às disposições humanas que constituem a literatura. Para Iser (1999, p. 66), o fictício e o imaginário satisfazem essa condição. Ou seja, isso acontece porque, para Iser (1999), é justamente o fictício e o imaginário que possibilitam essa experiência: o texto literário ultrapassa limites do mundo empírico, e, ao mobilizar o imaginário do leitor, constrói representações multifacetadas da condição humana.

No romance *Machado* (2016), essa dinâmica se revela de maneira intensa. O autor recria os últimos anos de vida de Machado de Assis entrelaçando elementos ficcionais e reais, convidando o leitor a revisitar as circunstâncias históricas e subjetivas do personagem. As figurações humanas, nesse caso, surgem quando Santiago transpõe personalidades históricas e eventos documentados para o universo da ficção, permitindo que o leitor reflita não apenas sobre o passado, mas também sobre os sentidos e interpretações possíveis.

As figurações são constituídas, assim, por meio de um processo de interação entre o leitor e o texto. Para Iser (1996), trata-se, portanto, de um diálogo estabelecido entre o texto e aquele que o lê, uma comunicação com esse indivíduo, ao qual Iser (1996) chama de sujeito, pois o texto ficcional exige essa posição do leitor (Iser, 1996, p. 123).

Em *Machado* (2016), as personagens da narrativa são pessoas reais. Elas são de fora do enredo da obra, isto é, do plano real, porém, são transportadas para o plano da ficção. *Machado* (2016) transfigura a matéria oficial para o plano da narrativa. Essas pessoas, reais e históricas, são incorporadas à ficção narrativa já configuradas para cumprir uma função literária. Na obra aparecem ou são citadas muitos personagens históricos, no entanto, focamos em duas personagens para discussão: o próprio protagonista, Machado de Assis, e o poeta Mário de Alencar.

Após uma breve passagem no ano de 2016, quando Silviano Santiago compra o quinto volume das Correspondências de Machado de Assis, da ABL, o narrador desloca-se para 1905, ano em que começa a idealizar o romance. A vida do escritor é então tecida por meio da ficção, revelando seus detalhes mais privados, sentimentos, pensamentos e impressões. A narrativa aborda aspectos de sua vida íntima, seu cotidiano no chalé do Cosme Velho, sua amizade com Mário de Alencar e sua vida pública.

Machado aparece quase como um “protagonista em segundo plano” durante grande parte da obra, pois é visto sobretudo pelos olhos de terceiros. O narrador apresenta novos personagens que nos aproximam do escritor, permitindo observá-lo de perto. Sua presença diminui aos poucos, desaparecendo lentamente; contudo, permanece, como uma presença fantasmagórica que permeia as linhas e entrelinhas do romance.

Silviano utiliza a figura do mímico como metáfora para descrever a figura de Machado dentro da obra (Santiago, 2016, p. 66). O mímico, por definição, é um ator que não possui falas, que se expressa apenas corporalmente. A linguagem da mímica é gestual. O mímico é por vezes um imitador. Ele atua, mas não da forma expansiva como os demais atores fazem. Seus gestos são calculados, ele não se entrega a emoções que evoca no momento da atuação, mas age com frieza enquanto atua.

A metáfora do mímico consegue se aplicar a quase tudo que Machado faz, desde seu comportamento em ambientes públicos até em sua escrita. Machado é descrito como alguém que conhece profundamente tudo sobre o homem, mas que se contenta em imitá-los pela arte. Em suas obras, por exemplo, as personagens de Machado refletem aspectos da sociedade de sua época, repletas de metáforas – com certeza a figura de linguagem mais comum em seus escritos – usadas por Machado de Assis ao longo de suas obras.

Muitas dessas metáforas utilizadas por Machado eram utilizadas em momentos de devaneios dos personagens e do narrador. Também em *Machado* (2016), Silviano Santiago, utiliza de metáforas em diversos momentos ao longo da obra, e, em alguns momentos, também devaneia sobre assuntos diversos, de modo muito semelhante ao modo como Machado fazia.

A metáfora do mímico permeia toda a obra, simbolizando a atuação de Machado como alguém que, parecido com um artista de rua, imita tanto as pessoas comuns quanto aquelas que admira, simulando sua representação sem concretizá-la, funcionando como uma imitação gestual. Santiago explora essa imagem do mímico como alguém que executa gestos ensaiados e calculados, com a intenção de realizar uma ação que nunca se concretiza (Santiago, 2016, p. 67).

Machado de Assis, em sua condição de epilético, utiliza essa atuação mimética como mecanismo de sobrevivência para lidar com as crises que enfrenta desde a juventude. Ele age com prudência e precisão, como quem evita tropeçar em degraus

invisíveis, controlando seus movimentos para preservar-se diante das limitações impostas pela doença (Santiago, 2016, p. 69).

Silviano escolheu abordar a epilepsia de Machado de Assis na obra, no entanto, não existem registros históricos oficiais que confirmem que o romancista tivesse epilepsia. Há relatos de que Machado de Assis pode ter tido convulsões em alguns momentos de sua vida, mas nada disso foi confirmado ou mesmo comprovado por meio de fontes oficiais. É possível que esses rumores tenham surgido devido a estigmas em torno da epilepsia no passado, em razão desta ser uma doença que carregou (e ainda carrega) diversos preconceitos.

Castro (2015) analisa a associação entre a epilepsia de Machado de Assis e sua produção literária. Segundo ele, Machado foi criticado por seu suposto distanciamento da realidade sociopolítica da época, como nas discussões sobre o abolicionismo e a república. Essas críticas levaram estudiosos a investigar a subjetividade do escritor, buscando compreender as camadas profundas de seu pensamento (Castro, 2015, p. 865). Nesse contexto, muitos defensores do psicologismo passaram a considerar a epilepsia de Machado de Assis como uma força criadora, responsável por manifestar objetivamente os conteúdos subjetivos presentes em sua obra (Castro, 2015, p. 865-867)

Essa linha de investigação apoia-se em aspectos biográficos, especialmente em depoimentos pessoais sobre as crises epilépticas de Machado de Assis. Destaca-se o relato da esposa, dona Carolina, que mencionou a primeira crise na vida adulta, dois anos após o casamento, e que Machado já havia sofrido na infância de “umas coisas esquisitas que cessaram posteriormente” (Castro, 2015, p. 867). O retorno dessas crises na vida adulta é apontado como possível causa da mudança de estilo e temas na obra, encerrando a fase romântica do autor.

A epilepsia foi extremamente estigmatizada no passado. Não haver evidências verdadeiramente fortes ou fontes confiáveis e verificáveis sobre a doença ligada à Machado de Assis não é surpreendente, considerando o silêncio e o preconceito que cercavam questões relacionadas às doenças neurológicas e mentais na época. Essa carência de documentação oficial não elimina, entretanto, a importância das referências biográficas e dos depoimentos que apontam para a possibilidade dessa condição influenciar tanto a vida pessoal quanto a produção literária do autor. Assim, a discussão sobre a epilepsia de Machado permanece um campo aberto, marcado por conjecturas e

interpretações que buscam compreender as relações entre sua saúde, sua subjetividade e sua obra.

Além de Machado de Assis, o poeta Mário de Alencar também é retratado como figuração humana na obra. Filho de José de Alencar e amigo íntimo de Machado, Mário o considera seu “pai espiritual” (Santiago, 2016, p. 117) e “mentor literário” (Santiago, 2016, p. 140) ao longo do romance. Sua presença é constante e próxima, especialmente nos últimos anos da vida de Machado, quando a relação entre ambos se fortalece. Esse aprofundamento ocorre sobretudo após a eleição de Mário para a Academia Brasileira de Letras, evento que gerou rejeição da imprensa e de alguns intelectuais. Nesses momentos difíceis, Mário encontra em Machado apoio e compreensão, intensificando a troca de correspondências e suas visitas à casa do mestre.

Outro fator que aproxima Mário de Alencar de Machado de Assis na obra é o diagnóstico de epilepsia que o jovem escritor recebe, tornando-se mais um ponto em comum entre mestre e pupilo. Após sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, Mário enfrenta dificuldades emocionais intensas, que provavelmente desencadeiam o aparecimento da doença, embora não haja comprovação. Na narrativa, ele é retratado como sensível e introvertido, com um “espírito vacilante” e manifesta sintomas neurológicos no cotidiano (Santiago, 2016, p. 59-60,118).

Não foram encontradas fontes históricas confiáveis que comprovem o diagnóstico de epilepsia em Mário de Alencar ao longo desta pesquisa. Assim como no caso de Machado de Assis, não há documentos oficiais que atestem tal enfermidade, especialmente considerando o forte estigma social e os preconceitos associados à epilepsia na época, frequentemente relacionada à loucura ou possessão demoníaca (Khan, 2005, p. 254). Consequentemente, é improvável que pacientes epiléticos mencionasse abertamente sua condição, o que impede confirmações definitivas acerca do diagnóstico de Mário.

Embora existam diversas fontes não oficiais que discutem a epilepsia de Machado de Assis, muitas delas baseiam-se em especulações ou análises literárias, tornando a doença mais um rumor do que um fato comprovado. No caso de Mário de Alencar, não se encontraram sequer referências similares. Porém, o estigma histórico em torno da epilepsia permitiu que Silviano Santiago utilizasse essa condição como uma característica intrínseca tanto para o mestre quanto para o pupilo na dimensão

ficcional, transformando-a em um elemento narrativo essencial, e não apenas em uma mera especulação.

Tem-se, então, mais um elemento a unir essas duas figuras, que já nutriam um pelo outro uma afeição quase fraternal. Machado, já com mais experiência com a doença, em razão de ter convivido com ela durante toda a sua vida, é único capaz de compreender Mário de Alencar sem julgamentos e preconceitos. Assim, a amizade entre ambos se fortalece. Até seus últimos dias de vida, Machado não esteve sozinho, pois tinha na figura de Mário o seu fiel companheiro, correspondente e ouvinte:

Pouca vida pela frente. Os últimos meses, os últimos anos de vida. Terminarão no dia 29 de setembro de 1908. Machado de Assis tem no jovem confrade Mário de Alencar o mais fiel companheiro, peça bem azeitada e insubstituível na engrenagem que movimenta seu cotidiano privado e público. [...] Pela experiência desentranhada da multifacetada vida de amanuense, escritor e enfermo, o mais velho se mostra apto a orientar os passos do mais jovem. Este o respeita como a um pai. (Machado, 2016, p. 338-339).

A análise das figurações humanas em Machado (2016) revela como Silviano Santiago constrói uma narrativa que transcende a simples reconstituição histórica, criando um espaço de diálogo entre ficção e realidade. Por meio da interação dinâmica entre texto e leitor, as figuras de Machado de Assis e Mário de Alencar são ressignificadas, transformando-se em representações multifacetadas da condição humana, marcada pelas fragilidades, forças e relações afetivas.

A metáfora do mímico, especialmente em relação a Machado, simboliza essa tensão entre representação e existência, enquanto a proximidade entre mestre e pupilo enfatiza a dimensão humana que atravessa o texto. Dessa forma, a obra não apenas homenageia personagens reais, mas também convida à reflexão sobre a construção da memória, da identidade e da subjetividade na literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metaficção, sobretudo a metaficção historiográfica, é um meio pelo qual o passado pode ser redescoberto no presente. Diferente do estudo historiográfico tradicional, que privilegia o discurso histórico (objetivo e imparcial), as fontes, as datas, as grandes personalidades históricas e a narrativa da história oficial, a ficção amplia

sentidos e discussões, não através de uma reconstrução completa dos fatos, mas por meio de um relato ficcional coerente e verossímil, que poderia ter sido real.

Fernando Aínsa (1993) afirma que “história e ficção são relatos que pretendem ‘reconstruir’ e ‘organizar’ a realidade a partir de componentes pré-textuais” (Aínsa, 1993, p. 11, tradução nossa). Esses componentes incluem acontecimentos documentados, que corroboram a veracidade e servem como base para a ficção. Em ambos os casos, o discurso narrativo será dirigido a um receptor que espera o cumprimento do pacto da verdade (história) ou do verossímil e possível (ficção) no corpus textual (Aínsa, 1993, p. 11-12). Em *Machado* (2016), a matéria histórica é abordada segundo essa última perspectiva: Silviano Santiago preenche as lacunas da história a partir da correspondência de Machado de Assis, criando um passado possível para os últimos anos do escritor.

Elementos ficcionais, como a epilepsia mencionada na obra, são plausíveis e bem fundamentados no texto, contribuindo para a verossimilhança, que atua como um elemento de persuasão para convencer o leitor da plausibilidade da narrativa (Aínsa, 1993, p. 12, tradução nossa). Santiago confronta, assim, as limitações da história oficial, convidando o leitor a questionar suas percepções do passado e a reconhecer a diversidade de interpretações resultantes da relação entre história e literatura. Segundo Esteves (2010), obras que têm escritores como protagonistas frequentemente buscam lembrar nomes esquecidos pela historiografia, discutir princípios estéticos de determinada época ou humanizar figuras mitificadas pela crítica (Esteves, 2010, p. 132).

Essa última finalidade se encaixa perfeitamente em *Machado* (2016), cuja representação mostra um Machado de Assis fragilizado pelo luto e pela doença em seus últimos anos. Ao explorar a correspondência do autor e sua obra, Silviano Santiago especula sobre seus momentos finais, inserindo a possibilidade de que ele tenha enfrentado epilepsia, o que adiciona complexidade à representação literária do escritor.

Desse modo, Santiago utiliza o contexto histórico das reformas no Rio de Janeiro e as personalidades históricas inseridas no romance para construir não apenas um cenário, mas um espaço ficcional que apresenta um “como se”, ou seja, um passado possível para Machado de Assis. Essa construção se pauta na verossimilhança, nas fontes históricas e na articulação entre passado e presente, realidade e ficção.

ABSTRACT



The present paper analyzes how the novel *Machado*, by Silviano Santiago, articulates metafictional elements by reconstructing the last years of Machado de Assis's life. The main objective is to investigate how the historical-social context of early 20th century Rio de Janeiro, marked by intense urban and social transformations, is incorporated into the narrative not only as a backdrop but as an active agent in the development of the characters and events. The methodology is based on literary analysis and bibliographic research, engaging with concepts of metafiction and human figurations, especially from Iser (1996). The results show that Santiago uses historical layers to create a self-reflective narrative, in which historical personalities and real events are reconfigured as human figurations, promoting a critical reflection on social segregation and the consequences of urban reforms for the black and poor populations. It is concluded that, by merging fiction and history, Santiago's novel not only pays homage to Machado de Assis but also proposes a critical reading of Rio's modernization, revealing social exclusions and the complexity of the relationships between memory, identity, and literature.

Keywords: Metafiction. Fiction and history. Human figurations. Machado de Assis. Silviano Santiago.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, F. La invención literaria y la reconstrucción histórica. *In: América: Cahiers du CRICCAL*, nº 12, 1993. Histoire et imaginaire dans le roman latino-américain contemporain, v1. pp. 11-26. Tradução nossa.

CASTRO, A de C. **Memórias póstumas da loucura mulata: as apropriações de Machado de Assis sob o corte patológico.** *Revista de Letras*, Santa Maria, v. 46, n. 2, p. 197-211, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistadeletras/article/view/14459/8971>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

ESTEVES, A R. O romance histórico contra a história da literatura brasileira. *In: O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FERREIRA, I. G. **As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX e XXI: o porto em questão.** *In: 2º Encontro Internacional História & Parcerias e 6º Seminário Fluminense de Pós-Graduandos em História*, 2019. Rio de Janeiro. Caderno de Resumos do 2º Encontro Internacional História & Parcerias, 2019. v. 1. p. 72-72.

GUÉRON, R. **Potências do samba, clichês do samba: linhas de fuga e capturas na cidade do Rio de Janeiro.** *Lugar Comum—Estudos de mídia, cultura e democracia*, n. 25-26, p. 140-151, 2008.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: 1996.

ISER, W. O fictício e o imaginário. *In: ROCHA, J.C.C. Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. pp. 65-77.

KHAN, R. L; PORTUGUEZ, M.; GARCIA, P. C. R.. **Epilepsia e arte: relação, interação ou consequência.** Sci. med, p. 254-257, 2005.

NEDER, G. **Cidade, identidade e exclusão social.** Tempo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 106-134, 1997.

RODRIGUES, A. E. M; MELLO, J. O. B. de. **As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes.** Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 19-53, jul/2015. Disponível em: <<https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/589>>. Acesso em: 28 mai. 2023

SANTIAGO, S. **Machado: romance.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTIAGO, S. **Silviano Santiago: O literato cosmopolita.** [Entrevista concedida a] Christina Queiroz. Pesquisa Fapesp. São Paulo, v. 292, n.p, jun de 2020. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/silviano-santiago-o-literato-cosmopolita/>>. Acesso em: 26 de abr de 2023.

SILVA, M. P. da. **O processo de urbanização carioca na 1ª República do Brasil no século XX: uma análise do processo de segregação social.** ESTAÇÃO CIENTÍFICA (UNIFAP), Ano, v. 8, 2018.

TEIXEIRA, S. D. **Reformas urbanas no Rio de Janeiro.** Que República é essa?, 2021. Disponível em: <<http://querepublicaeessa.an.gov.br/temas/323-reformas-urbanas-do-rio-de-janeiro-no-inicio-do-seculo-xx.html>>. Acesso: 28 mai. 23.